

**(Para o Lattes: “Performar o performativo de Austin”, mas o título mesmo é:)
UMA TRANSGRESSÃO – EU(,) MANIFESTO:**

Ana Paula Grillo El-Jaick¹

Resumo:

Um dos propósitos deste texto é, a partir da noção austiana de *performativo* e de manifestos, performar um manifesto. O método é essencialmente bibliográfico. O resultado (mais) esperado é este ato de fala perlocucionário: que o próprio texto performe um manifesto artístico-poético.

Palavras-chave:

Manifesto; Ato performativo; Teoria dos Atos de Fala; J. L. Austin.

Abstract:

One of the purposes of this text is, from Austin’s notion of *performative utterances* and manifests, to perform a manifesto. The method is essentially bibliographic. The (most anticipated) result is this perlocutionary act: that this text perform an artistic-poetic manifesto.

Keywords:

Manifesto; Performative utterances; Speech Act Theory; J. L. Austin.

Este texto começa entre parênteses: (Para o Lattes: “Performar o performativo de Austin”). Para o Lattes, este artigo é fruto de pesquisa na grande área Letras, Linguística e Artes. Contudo, sua classificação desafia esses próprios limites, essas linhas imaginárias que falsamente delimitam campos de saber. Isso porque este artigo parte de um debate no campo da Filosofia da Linguagem, que se liga a performances artísticas, e que deseja ser, ele próprio, uma obra artística-poética-política. Então, começar entre parênteses já mostra que propor uma transgressão –

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-doutora com pesquisa no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2009), tendo desenvolvido estágio doutoral na École Normale Supérieure (Paris). Possui Mestrado em Letras também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2005),



no caso, da própria *forma* – esbarra no problema dos limites de nossa (in)dependência acadêmica. Esse tipo de barreira tem sido posto à prova pelo grupo de pesquisa XXX de que faço parte, em que seus integrantes desenvolvem pesquisas em que ignoramos as fronteiras frágeis entre Estudos da Linguagem, Filosofia da Linguagem e Estudos Literários, por exemplo.

Ainda entre parênteses, este artigo tem como pano de fundo a História das Ideias Linguísticas tal como formulada por Sylvain Auroux, ou seja, tem a pretensão de fazer uma historiografia linguística levando em conta as condições de produção daquilo que institucionalizamos como *saber*. Trata-se de pesquisa essencialmente teórica-bibliográfica – aqui, vou investigar o conceito de *performativo*, de J. L. Austin. A partir dessa primeira ideia austiana de que alguns termos linguísticos são performativos – o que, espero, ficará mais claro à frente –, analisarei um performativo específico: “Eu manifesto”. Para isso, lançarei mão, também, de alguns manifestos, como o surrealista, o dadaísta, assim como outros textos-manifestos, como o Dogma 95, e também o filme-performance *Manifesto* (2015/2017), de Julian Rosefeldt. Dito isso, vamos para o segundo começo:

A Teoria dos Atos de fala de Austin é melhor entendida quando contextualizada naquilo que ficou conhecido como *virada linguística* na Filosofia. Fala-se em “virada” porque, até o início do século XX, predominava na Grã-Bretanha o *idealismo absoluto* (com F. H. Bradley) ou o *empirismo* (principalmente com J. S. Mill).¹ Conforme nos ensina Danilo Marcondes, esses estudos colocavam no centro a problemática da consciência e o conceito de *representação*.²



A *virada* se dá quando, para responder aos problemas filosóficos clássicos, formula-se uma pergunta linguística como questão primordial a ser respondida: como uma sentença pode ter significado? Isso significa dizer que, agora, a problemática a ser examinada pela filosofia deve ser a da *linguagem*. O conceito-chave, a partir desse novo ponto de vista, passa a ser o *significado*.

O exame linguístico apontava, então, para duas possibilidades metodológicas diferentes. Uma primeira era analisar o significado linguísticos até o limite da sentença, sendo que esta seria decodificada em sua forma lógica, isto é, teria seus elementos constituintes transcodificados logicamente. Uma segunda possibilidade de análise era revisitar questões filosóficas – epistemológicas, éticas etc. – *linguisticamente*, examinando o *uso comum* dos seus conceitos centrais.

A primeira possibilidade deu origem à chamada *filosofia da linguagem analítica*, em que a análise linguística é um exame lógico da proposição. Na esteira de G. Frege, as proposições são decodificadas em linguagem lógica, e seu exame deve levar em conta seu sentido e sua referência. A verdade da sentença será estabelecida a partir desses conceitos – bem como da noção de nomes próprios, predicativo etc.

A segunda possibilidade deu origem à chamada *filosofia da linguagem ordinária*, em que a análise linguística é um exame das condições de possibilidade de *uso* das expressões verbais. Também conhecida como Escola de Oxford, essa ramificação dos estudos linguístico-filosóficos teve como um de seus principais representantes



Austin. O método de análise austiano procura revelar as condições de possibilidade das circunstâncias que permitem o uso efetivo de termos linguísticos pelo falante – para argumentar, se livrar de alguma responsabilidade etc. É a ideia de linguagem como *ação*.

Encontramos aí a grande influência no pensamento de Austin: a filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein – neste caso, o dito *segundo* momento de seu pensamento, identificado com um ideário *pragmático* de linguagem, que entende a linguagem como ato, ação, *práxis*. O interesse específico de Wittgenstein pela linguagem está em grande parte relacionado à sua convicção de que uma má compreensão da linguagem está na raiz de equívocos recorrentes, isto é, de que grande parte dos problemas metafísicos tradicionais seriam derivados de um mau entendimento da linguagem.³

Conforme foi dito, críticos e intérpretes costumam dividir a trajetória de Wittgenstein em pelo menos dois momentos. Ainda segundo Marcondes,⁴ a ruptura mais explícita entre o primeiro e o segundo Wittgenstein está exatamente na sua concepção de linguagem. De fato, não só sua perspectiva de linguagem muda, como tal mudança se dá de um polo a outro: de uma busca por uma linguagem matematicamente calculável, ao reconhecimento de que não há cálculo capaz de reduzir a heterogeneidade da linguagem (isso mostra como Wittgenstein é um filósofo cujo pensamento passa tanto pela tradição da filosofia analítica, quanto pela filosofia da linguagem ordinária).



O chamado primeiro Wittgenstein é o autor do *Tractatus Logico-Philosophicus*, seu único livro publicado em vida. O objetivo do primeiro Wittgenstein é compreender a relação entre linguagem e realidade através da lógica.⁵ A linguagem cotidiana estaria na superfície – subjacente a ela haveria uma lógica essencial. A análise lógica, por sua vez, deve mostrar duas coisas: que as proposições empíricas têm significado; e que as proposições metafísicas são absurdas, já que transgridem a sintaxe lógica⁶ – o que faz com que Wittgenstein termine seu livro com a famosa frase: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”.⁷

A ideia central da teoria do primeiro Wittgenstein é a de que proposições são uma forma de *representação*.⁸ Uma vez que as proposições afiguram *estados de coisas* que se efetivam ou não na realidade,⁹ Wittgenstein afirma que elas devem ser necessariamente *bipolares*: podem ser verdadeiras e *também* podem ser falsas, conforme estejam em acordo ou desacordo com os fatos do mundo. A linguagem não é autônoma, já que deve espelhar a natureza essencial da realidade.

Entretanto, como o próprio Wittgenstein reconhece mais tarde, em que pese a sua declarada investida crítica contra o dogmatismo dos filósofos metafísicos, sua própria teoria acaba por lançar mão do procedimento dogmático mais típico: uma vez que não encontra acesso aos fundamentos últimos do real e do pensamento na superfície do mundo, os dogmáticos localizam-nos num fundo oculto, duplicando a realidade. No *Tractatus*, igualmente, ao não encontrar os fundamentos últimos do mundo e do pensamento na superfície, Wittgenstein duplica a linguagem para encontrá-los num fundo encoberto da linguagem.¹⁰



Essa concepção essencialista será totalmente descartada pelo segundo Wittgenstein. Não há mais que se falar em duplicação da linguagem; de uma lógica essencial encoberta pela linguagem cotidiana. Porque a linguagem ordinária é só a que há, voltemos à superfície. Wittgenstein deixa de lado a concepção da linguagem como um sistema abstrato e objetivo para se comprometer com uma perspectiva antirrepresentacionista da linguagem. Renunciando à crença de que a linguagem é um instrumento para representação do real, ele rejeita a dicotomia linguagem/realidade em benefício de uma visão em que linguagem e mundo se constituem mutuamente.

Se no *Tractatus* Wittgenstein defendia um espaço lógico único e necessário, bem como uma essência única da linguagem, nas *Investigações Filosóficas*¹¹ ele reconhece que não há *uma* lógica na linguagem, mas uma multiplicidade delas. Ele substitui a ideia de cálculo pela de *jogo de linguagem*. O conceito de jogos de linguagem, na perspectiva wittgensteiniana, reforça a natureza múltipla e heterogênea da linguagem, além de sua compreensão como práxis, isto é, como atividade necessariamente imersa em formas de vida [*Lebensform*]. Também fortalece a ideia de que as expressões linguísticas não substituem nada que lhes é exterior, mas são como *lances* nas práticas que constituem os jogos de linguagem.

No *Tractatus*, a essência estava escondida – por isso a necessidade de uma análise lógica para *descobri-la*. Nas *Investigações Filosóficas*, porém, Wittgenstein afirma que “Queremos *compreender* algo que já [está] diante de nossos olhos”.¹² Não há nó a se



desatar: o que se quer entender já está ao alcance da vista -- nada está oculto, escondido¹³ –, porque não há nada além daquilo que a própria linguagem articula e exprime.¹⁴ Quando se quer saber *o que* alguma coisa é, a resposta não deve se basear na busca por essências metafísicas, por verdades necessárias, mas no esclarecimento do significado da palavra, através de seu uso. Querer chegar à *essência* do significado linguístico é fruto da doença de que a filosofia, desde seus primórdios, sofre. O objetivo de Wittgenstein, ao revés, é reconduzir as palavras do seu emprego metafísico para seu uso cotidiano.¹⁵ Dessa forma ficará claro como seu uso estava sendo feito de maneira imprópria e incorreta pelos filósofos, que não observavam a gramática de uso da linguagem, deixando-se enfeitiçar pelos seus meandros.¹⁶ Assim, em resposta ao modelo referencial de linguagem, que estabelece o significado de um conceito como sendo o objeto ao qual a palavra se refere, a sua essência metafísica, Wittgenstein vai dizer nas *Investigações Filosóficas* que o significado de uma palavra é seu *uso*:

Pode-se, para uma grande classe de casos de utilização da palavra “significação” – se não para todos os casos de sua utilização –, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem.¹⁷

O significado não é propriedade das palavras, uma vez que as atividades linguísticas se interligam às práticas não-linguísticas; ou melhor: a práxis linguística está *imersa* em práticas extralinguísticas. Wittgenstein, conforme já foi dito, rejeita a ideia da linguagem como uma abstração, como alguma coisa que possa – e deva – ser considerada independentemente de seu uso. Porque quando a linguagem é considerada em abstrato, fora do seu uso, é que os problemas filosóficos nascem: “Pois os problemas filosóficos nascem quando a linguagem entra em férias”.¹⁸



Wittgenstein nos faz atentar para o equívoco de se entender a significação de uma expressão linguística como algo que se constitui independentemente, sem a consideração das condições efetivas de seu uso numa forma de vida.¹⁹ O trabalho com a linguagem deve ser então o de clarificar, esclarece conceitos em seu uso cotidiano. O que podemos fazer? Ensaiair uma saída do vidro: “Qual é o seu objetivo em filosofia? – Mostrar à mosca a saída do vidro”.²⁰

A perspectiva de linguagem de Austin, seguindo de perto o pensamento de Wittgenstein, também se configura como que constituindo e sendo constituída pelo mundo. Contudo, diferentemente de Wittgenstein, Austin propôs uma Teoria dos Atos de Fala, em que faz aquilo que Wittgenstein parecia dizer ser impossível: teorizar o próprio uso. Afinal, para Wittgenstein, seria uma contradição nos termos teorizar o contexto, as condições de produção da linguagem humana, uma vez que são sempre já voláteis, móveis, movediças.

Nas primeiras formulações de sua Teoria dos Atos de Fala, Austin ainda via uma diferença entre os proferimentos a que chamou de *constatativos* e aqueles a que nomeou de *performativos*. Os constatativos seriam aqueles mais próximos do que a filosofia sempre privilegiou em suas análises (logicistas) da linguagem: frases declarativas que *descreveriam* estados de coisas – e que, por isso, estariam sujeitas à verdade ou falsidade, dada sua correspondência (ou não) com os fatos do mundo. A grande contribuição de Austin para a filosofia da linguagem ordinária – e para os estudos da linguagem, principalmente pragmáticos – foi, seguindo os rastros de Wittgenstein, mostrar que a linguagem não apenas descreve fatos do mundo. A



linguagem *faz* coisas: dizer é um ato que, por sua vez, *realiza* ações. São proferimentos *performativos* – do inglês, *to perform*: atuar, agir. A linguagem *não* é meramente um instrumento que diz as coisas do mundo, que descreve o mundo. Afinal de contas, lembrando o exemplo de Austin, quando digo “Eu prometo” – verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa –, *performo* uma ação: *faço* uma promessa. Ou seja: a sentença “Eu prometo” não é passível de ser verdadeira nem falsa; antes, dizê-la é já *prometer* algo. Assim, a tarefa do linguista não é estabelecer o valor de verdade das sentenças, mas suas *condições de felicidade*. São estas que mostrarão o *sucesso* (ou o insucesso) do ato performativo. Isso quer dizer que a linguagem é, *essencialmente*, performativa.

Com essa virada de visada, tanto a perspectiva de linguagem wittgensteiniana quanto a de Austin se mostram revolucionárias porque estabeleceram um novo paradigma na análise linguística: se desde os gregos até visões formalistas contemporâneas da linguagem o que está em jogo é a *verdade* da sentença, agora, nos estudos *pragmáticos* linguísticos, devemos observar o uso efetivo da linguagem, suas condições de *felicidade*. Isso fica mais explicitado ao lembrarmos que o grande lema de Austin é “minha palavra é meu penhor” – isto é, o ato de fala(r) estabelece um contrato, um compromisso entre as partes. Em caso de felicidade, a linguagem institui um novo estado de coisas: sob esse paradigma linguístico, ela não só diz o mundo, mas *cria* mundos.

É bem verdade que esse *poder demiúrgico da linguagem* não foi descoberta *pós-moderna*. Afinal, conforme certo *renascimento* do pensamento sofisticado que vem se



operando recentemente, constatamos que os sofistas eram pós-modernos *avant la lettre*, pois já tinham percebido tal *poder* da linguagem.²¹ Assim, Górgias já havia mostrado, em seu *Elogio de Helena*, que “o discurso [lógos] é um grande soberano que, por meio do menor e do mais inaparente dos corpos, realiza os atos mais divinos, pois ele tem o poder de dar fim ao medo, afastar a dor, produzir alegria, aumentar a piedade” (GÓRGIAS, *Elogio de Helena*).²²

Buscando ser coerente com meu próprio objeto de pesquisa, meus últimos experimentos vêm sendo compor textos que, como todo ato de fala, *criem* mundos (im)possíveis – (des)estabeleçam um novo estado de coisas. Enfim, propor uma espécie de radicalização do performativo de Austin com textos que façam o que eles próprios teorizam, encenando uma *performance*. Esta transgressão deve ser um exemplo de *como fazer coisas com a linguagem*.²³

Dessa forma, para um número de revista que se propõe uma *transgressão*, transgrido este ensaio – englobando o sentido de *ensaaiar*, *experimentar* – num *mise en abyme*: uma tentativa de fazer do próprio texto um performativo. Claro que, a partir da perspectiva de linguagem de Austin, todo ato de fala abrangeria: um ato locucionário (o próprio ato de fala com significado); um ato ilocucionário (a força *na* linguagem que *faz* algo, como *prometer*, *manifestar* etc.); e um ato perlocucionário (o efeito obtido *pela* linguagem, isto é, o *resultado*, a *consequência* do ato de fala). Ainda assim, minha intenção é que meu texto seja, ele próprio, um grande ato locucionário com a força ilocucionária de um *manifesto*. Minha *intencionalidade* é a de performar uma força ilocucionária, o que também acaba por ser um *gesto*. Enfim, performar um



gesto – um ato de fala. Ver na fala do poeta Vladimir Maiakovski um *locus* de pensamento sobre a linguagem: “Sem forma revolucionária não há arte revolucionária”. Desse modo, quis pensar numa *forma revolucionária* para um texto performativo. E, com meu texto, performar um acontecimento – artístico, poético, político.

Pensei como título para este ato performativo “Eu”, vírgula, “manifesto”. Nessa primeira leitura, este texto seria, ele próprio, um texto-eu-manifesto. Uma segunda possibilidade é ser ele um “Eu manifesto”, dois pontos(:). Ficando com essa segunda leitura, tudo o que foi dito até agora e que direi até o ponto final é um manifesto, de maneira que todo este ato locucionário deve ter a força ilocucionária de (se) manifestar. Começo do manifesto (fora do parêntese):

Manifesto, substantivo masculino, quarta acepção do Dicionário Eletrônico Houaiss: “declaração pública e solene, na qual um governo, ou um partido político, um grupo de pessoas ou uma pessoa expõe determinada decisão, posição, programa ou concepção”.

Manifesto, adjetivo, quinta acepção do Houaiss: “impossível de ser oculto ou dissimulado”.

Nesse sentido, “Eu manifesto” é impossível de ser oculto, dissimulado. Ou, de acordo com a primeira acepção: “Eu manifesto” é expor uma posição, um programa, uma concepção.



No entanto, não basta proferir o ato de fala que se conseguirá o resultado almejado. Lembrando Austin, se há condições de felicidade para os atos de fala é porque as “coisas [...] podem ser ou resultar malogradas, por ocasião de [um] proferimento”:²⁴ isto é, os atos de fala podem ser *infelizes*. Para que um ato de fala não seja infeliz, é preciso o “proferimento de certas palavras, por certas pessoas, e em certas circunstâncias”.²⁵ Logo, por exemplo, de nada adianta eu dizer “Eu vos declaro marido e mulher” se não sou a pessoa indicada para isso, nem se, mesmo que eu fosse a pessoa adequada, as circunstâncias não fossem as convencionadas.

Dessa forma, temos (no mínimo) um problema. Porque não basta eu proferir “Eu manifesto” para que a intenção de minha força ilocucionária tenha sucesso. É preciso, então, clarificar, elucidar as condições de felicidade do meu ato performativo. Conforme estabelecido por Austin, proferi certas palavras convencionadas (o ato locucionário “Eu manifesto”, dois pontos) com o verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa. Uma primeira pergunta é se sou uma pessoa adequada para dizer isso. Um segundo questionamento é se o contexto de uso dessas expressões linguísticas responde a tal requisição.

Sobre esses requisitos, não me parece haver problemas: (se) manifestar (ainda) é um ato democrático, sem regras deveras castradoras. A *verdadeira* questão então parece recair sobre os *efeitos* perlocucionários que obterei com este meu ato



performativo. Que efeitos de sentido minha *performance* suscitará? Ainda: ela será contida, refreada? Ela será “completa”?²⁶

A questão que se impõe agora é: ensina-se e pesquisa-se *linguagem*, mas, nesses últimos tempos, parece que os atos de fala de ensinar e pesquisar estão sendo *infelizes* – ou *malogrados*, ou, até mesmo, *vazios*.²⁷ Afinal, como pode acontecer de ensinarmos, pesquisarmos, e, apesar disso, nos vermos em “Tempos sombrios”?²⁸ Sóbrios(?) especialistas em linguagem – e, no entanto, parece que ainda não descobrimos um jeito de criar um mundo melhor com a linguagem. Eu manifesto: artífices da linguagem de todo o mundo, uni-vos!

No romance *Quem matou Roland Barthes?*, Laurent Binet imagina uma sétima função da linguagem nos escritos do linguista russo Roman Jakobson – quer dizer, além das funções referencial, expressiva, fática, metalinguística, conativa e poética, ainda haveria uma sétima. “Essa sétima função teria o efeito mágico de convencer qualquer um de qualquer coisa, isto é, daria a quem a utilizasse o maior dos poderes: o domínio absoluto da linguagem e de seus efeitos.”²⁹ No romance, François Mitterrand usa essa sétima função da linguagem para vencer as eleições e tornar-se presidente da França. Pessoalmente, já dei aulas sobre as funções da linguagem de acordo com o modelo comunicacional de Jakobson. Deveria descobrir essa sétima função, ainda que inexistente, no texto de Jakobson para dizer “Eu manifesto” – e, então, convencer, como se este texto fosse o próprio uso da (imaginada) sétima função da linguagem.



Antes: orientei pesquisa sobre a *Retórica*, de Aristóteles. Lá estão as regras básicas de persuasão:

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. [...] Persuade-se pela disposição dos ouvintes quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio. [...] Persuadimos, enfim, pelo discurso [lógos] quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular.³⁰

É preciso que o rétor dê uma boa impressão de si; é preciso que os ouvintes sejam levados a sentir as emoções, as paixões que o rétor quer que sintam; é preciso que o *lógos* seja estruturado de forma a ser eficaz – quer dizer: persuasivo. Orientei pesquisa aristotélica, vi congressos de argumentação, mas posso fazer um manifesto que cause as paixões que quero nos meus ouvintes? Que paixões quero evocar nos meus interlocutores? “Sou a favor de uma arte que é política, erótica e mística”.³¹ Sou a favor, mas...

...recentemente alguém me disse que “convencer é infrutífero”. Na ocasião, fiquei sem *lógos*. Agora me manifesto assim: se for mesmo infrutífero convencer, será infrutífero tanto convencer você a me amar, como, também, será infrutífero você me convencer a deixar de amá-la. “Paciência, meu coração!”,³² paciência!

Um ato de fala é uma ação, um gesto – como: uma mulher enxuga os olhos.³³ Um ato de fala como um gesto. Um manifesto é um gesto: “Para lançar um manifesto é preciso querer: A. B. C. irrompa contra 1, 2, 3”.³⁴ Objetivo geral do texto “Eu manifesto” fora dos parênteses: irromper contra a lógica produtivista, mercantilista



de currículos Lattes, que vem substituindo a *criação viva*. Eu manifesto: “Dance, dance, senão estamos perdidos”.³⁵

Segundo objetivo geral do texto “Eu manifesto” liberto dos parênteses: irromper contra uma das formas perversas dos nossos “tempos sombrios”, forma contra a qual novamente estamos tendo de nos insurgir: a censura. Por exemplo, quando a exposição “Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira”, que explorava questões de gênero e sexualidade, em cartaz no final de 2017 no Santander Cultural de Porto Alegre, acabou sendo cancelada, cedendo à pressão moralista e moralizante de grupos ultraconservadores. Por exemplo: quando o Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo recebeu a performance de um artista nu, o que se transformou em campo fértil para outra censura político-religiosa. Uma infelicidade: na atualidade, moralistas moralizantes e populistas subjugam o papel do artista, do intelectual – como se fossem pessoas inadequadas para realizarem atos (de fala), gestos felizes. Um respiro – em tempos sombrios de censura, um alento *polkyannesco*: se há censura, se imagens são repreendidas em seu poder de circulação, é porque elas torturam moralistas e moralizantes; é porque a arte, o discurso, o *lógos* (ainda) têm a força de pôr em debate.

Objetivo específico do texto “Eu manifesto”, tira parênteses: reivindicar o direito à felicidade. Será este um ato de fala feliz? É infrutífero convencer? Um ato performativo, uma transgressão: Eu manifesto:

Manifesto: promote a revolutionary flood and tide in art.
Promote living art, anti-art, promote non art reality to be fully



grasped by all peoples, not only critics, dilletants and professionals.³⁶

Um artigo científico cujo objeto é o performativo de Austin, mais especificamente o ato de fala performativo “Eu manifesto”, um texto que quer radicalizar o ato de fala performativo e performar um manifesto é uma forma revolucionária? “Convencer é infrutífero”, recentemente alguém me disse. Artistas de todo o mundo... artistas de todo o mundo... uni-vos! Convencer será infrutífero? De acordo com um Austin provavelmente bastante mal-humorado, os problemas filosóficos podem ser resolvidos com uma ida ao dicionário. Então, ao Houaiss:

Frutífero: “o que produz frutos, especialmente quando comestíveis”. Fruto: estrutura fértil. Fruto: semente. Fruto: formado pela maturação de um ou mais ovários. Fruto: filho. Fruto: o resultado de um trabalho. Semiose infinita: significante que remete a outro significante, infinitamente.³⁷ Pesquisamos concepções pós-estruturalistas da linguagem que, ao questionarem o estatuto da face *significado* do signo linguístico, muitas vezes acabam por aboli-la, afirmando que tudo que temos é *significante*. O significado, então, não existiria mais do que um remetimento de significantes – que remeteriam a outros significantes, numa semiose infinita. Sendo assim, pesquisamos a questão do *ceticismo* sobre a possibilidade de significarmos, de nos entendermos mutuamente, de nos comunicarmos com a linguagem humana. Consequentemente, outra questão comparece: (se há) um *limite* da linguagem – os limites do nosso mútuo (des)entendimento.



Semiose infinita: significante que remete a outro significante, infinitamente, um remetimento infinito de significantes: fruto, semente, *semeion*. *Semeion*: semiose disseminada; disseminar a semiose infinita + o poder demiúrgico da linguagem – dizer “Eu manifesto:” e criar um novo estado de coisas. Convencer é infrutífero? O fruto do meu trabalho de convencimento deve ser o poder de originar as paixões que eu queira nos meus ouvintes. É infrutífero convencer? (Se) Manifestar é um gesto democrático. A democracia é um exercício: respire (pausa). (Ponto.) Expire (pausa). (Ponto.) Conte até cem.

Repito: pesquisamos a questão do *ceticismo* sobre a possibilidade de significarmos, de nos entendermos mutuamente, de nos comunicarmos com a linguagem humana. Consequentemente, outra questão comparece: (se há) um *limite* da linguagem – os limites do nosso mútuo (des)entendimento. Os limites da linguagem: como se vasculhássemos o limiar da própria capacidade de comunicação humana – dali para diante, não é possível mais argumentar, de modo que só nos resta bloquear amigos no Facebook. Um gesto – como: uma mulher enxuga os olhos.³⁸

Um gesto – como: geste à peau / Gestapo.³⁹ Eu manifesto: um performativo-imperativo: “Sem forma revolucionária não há arte revolucionária”.⁴⁰ Assim, quis pensar em uma *forma revolucionária* para um texto performativo, e, com meu texto, performar um acontecimento – um ato de fala feliz. Feliz: “Gente é para brilhar”.⁴¹ Um ato de fala feliz de outra forma: “Não há nenhuma limitação *a priori* de como as obras de arte devem parecer – elas podem assumir a aparência de qualquer coisa”.⁴²

Um artigo é um artigo é um artigo – assim como a rosa de Gertrude Stein é uma rosa, é uma rosa, é uma rosa.⁴³ Uma transgressão: fazer do esperado o inesperado. Fazer de um artigo um manifesto. Um manifesto é um manifesto é um manifesto: é democrático – e a democracia é um exercício. Respire (pausa). (Ponto.) Expire (pausa). (Ponto.) Conte até mil e faça um gesto – como: uma mulher enxuga os olhos.⁴⁴ Dali para diante, não é possível mais argumentar, de modo que só nos resta bloquear amigos no Facebook: *ceticismo* sobre a possibilidade de nos entendermos mutuamente, de nos comunicarmos. Consequentemente, há um *limite* da linguagem – os limites do nosso mútuo (des)entendimento? Ceticismo linguístico: a recusa do sentido:

O receptor experimenta essa recusa do sentido como choque. Este choque é intencionado pelo artista de vanguarda, que mantém a esperança de, graças a essa privação de sentido, alertar o receptor para o fato de a sua própria práxis vital ser questionável e para a necessidade de transformá-la. O choque é ambicionado como estimulante, no sentido de uma mudança de atitude; e como meio, com o qual se pode romper a imanência estética e introduzir uma mudança da práxis vital do receptor.⁴⁵

Um choque: uma forma revolucionária. Transformar, mudar o gesto. Contudo, recentemente alguém me disse: “Convencer é infrutífero”. Eu poderia ter perguntado: é infrutífero porque “tudo que poderia ser dito já foi”?⁴⁶ Como Augusto de Campos quis, eu quis também, eu quis:

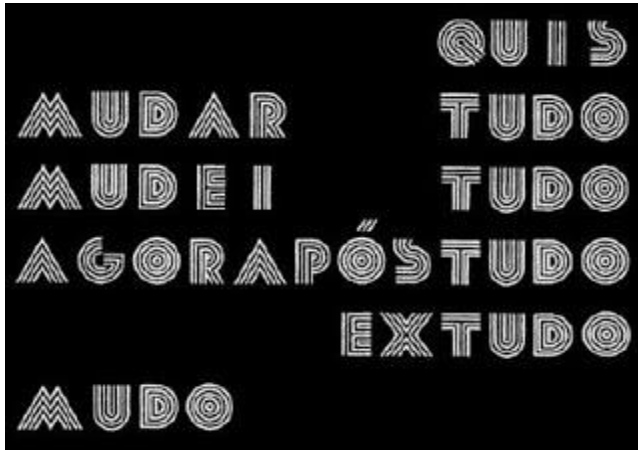


Figura 1: (CAMPOS, Augusto. *Pós-tudo*, 1984)

Tudo já foi dito, inclusive que tudo já foi dito. “Nada é original”, já disse Jean-Luc Godard – e o longa-metragem (a vídeo-instalação) *Manifesto* já repetiu.⁴⁷ “Não importa de onde você tira as coisas, mas sim para onde as leva”, outra citação de Godard repetida no filme *Manifesto*.⁴⁸ Já fomos modernos, pós-modernos, estruturalistas, pós-estruturalistas, sejamos perspectivistas: “Eu manifesto” tem de ocorrer no presente do indicativo. “Alienação temporal e geográfica estão proibidas. (Isso quer dizer que o filme se passa aqui e agora.)”.⁴⁹ “Eu manifesto” aqui e agora. Será um ato de fala feliz? No fim das contas, de acordo com Austin, um ato de fala feliz é você proferir um ato locucionário cujo resultado, o ato perlocucionário, seja compatível com a força ilocucionária pretendida. Por exemplo: você profere uma ordem de deixar de amá-la; você diz: “Convencer é infrutífero”, e o ato performativo, o resultado, o efeito, é que, depois de você mandar a pessoa deixar de amá-la, a pessoa deixa. Um ato de fala feliz. Um ato de fala feliz? “A palavra *liberdade* é a única que ainda me exalta”.⁵⁰ Eu me exalto: fico feliz – gente é para brilhar.⁵¹

Convencer a deixar de amar é um ato de fala performativo, um gesto – uma mulher enxuga os olhos.⁵² O performativo acontece “agora”: “neste momento” presente. “Marielle, presente!”. Este texto: um manifesto-poema que ensaia o poder demiúrgico da linguagem de performar um texto-bomba. Um texto-barricada. Não, não houve barricada: Marielle não escapou de um atentado à bala. Marielle morreu aos 38 anos de idade. Obituário: Marielle deixa a esposa, Monica – e um país à beira do abismo. Não, não houve barricada: “Em certo sentido, todo levante é, ao mesmo tempo, urgente e tardio”.⁵³ Obituário: Marielle deixa a esposa – uma mulher que, agora, enxuga os olhos de lágrimas. Mais exatamente: Marielle deixa um “nós” que enxuga os olhos de lágrimas – um país à beira do abismo. Um texto-performance. Um performativo-imperativo: diga-me o nome dela(!):





Cildo Meireles, Inserções em circuitos ideológicos - Projeto cédula, 1970/2018.

Inserções em circuitos ideológicos 2: Projeto Cédula, de 1970, de Cildo Meireles, pertencente ao Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, de Madri, é uma forma de *Levantes*:⁵⁴ sete impressões *offset* sobre papel com carimbos de tinta com textos e *slogans*. 5 x 15 cm cada. Praticamente cinquenta anos depois, a obra de Meireles tem de ser repetida, reeditada, repetida: em lugar da pergunta “Quem matou Herzog?” perguntamos “Quem matou Marielle?” “Nossa originalidade é nossa fome e nossa maior miséria é que esta fome, sendo sentida, não é compreendida”.⁵⁵

Não é compreendida: *ceticismo* sobre a possibilidade de nos entendermos mutuamente, de nos comunicarmos. A Camera War de Lech Kowalski, entre outras cenas, filma slogans de manifestações, como o cartaz “Jump, You Fuckers!” embaixo de prédios de Wall Street.⁵⁶ Embaixo de prédios de Wall Street, homens se manifestam com slogans – homens de ação. Austin compara os homens de ação aos homens de letras:

Por exemplo, podemos contrastar homens de letras com homens de ação; podemos dizer que eles não fizeram nada, apenas falaram ou disseram coisas. Contudo, podemos também contrastar o fato de estar apenas pensando em algo, com o fato de realmente dizê-lo (em voz alta), em cujo contexto, então, dizer é fazer algo.⁵⁷

Antonio Negri confirma minha suspeita: “o levante é linguístico, performativo; é de fato uma passagem do dizer ao fazer, mas, sem o dizer, não há levante”.⁵⁸ Mensagens de ordem, inscrições pichadas em muros, escritos inscritos em postes – manifestos: “o punho fechado: são palavras”.⁵⁹ São palavras: gestos performáticos – um manifesto. Mondzain também entoia esse canto: “Não há insurreição sem o levante de peitos que fazem ressoar palavras e cantos”.⁶⁰ Palavras e cantos: atos performativos – performances. Este texto-performance: a linguagem, como sempre, como um risco – como sempre um risco, como sempre a vida:

Você deve ter em atenção que o jogo de linguagem é, por assim dizer, imprevisível. Quero dizer: não se baseia em fundamentos. Não é razoável (ou irrazoável). Está aí – tal como a nossa vida.⁶¹

Um ato de fala arriscado, como a vida: arriscar-se a um risco. Escrever, escrever, escrever: *words, words, words*.⁶² Como vai ser o resto do texto, da vida? Jogar jogos



de linguagem. Este manifesto-performance-poema: um levante linguístico para reflexão – posto que na escrita também há revolta.

Wittgenstein e Austin concordam que não temos controle sobre nosso querer-dizer: (i) o falante pode tencionar causar um efeito, e não causar; (ii) o falante pode não tencionar causar um efeito, e, no entanto, causar. Um ato de fala infeliz. Por exemplo: quando você quer convencer o outro a amar você, mas você não é a pessoa adequada para isso. “[O real] é quando a gente se machuca”.⁶³ A gente se machuca quando alguém nos diz: “Convencer é infrutífero”. Na ocasião, fiquei sem *lógos*. Agora expressaria este gesto: “A expressão de que não há nada a expressar, nada com que se expressar, nada a partir do que expressar, nenhuma possibilidade de expressar, nenhum desejo de expressar, aliado à obrigação de expressar”.⁶⁴ A obrigação de expressar, mesmo que seja um ato de fala infeliz, infrutífero. Um ato de fala infeliz não é o fato de uma mulher enxugar o rosto – um ato de fala infeliz é um ato de fala sem sucesso. É tentar convencer o outro a amar você – sem sucesso. Um ato infeliz. Ainda assim: uma práxis. Um gesto: ainda assim, amar. Um imperativo: “Dance, dance, senão estamos perdidos”.⁶⁵ Um convite: dança comigo? Eu manifesto um ensaio de um texto-performance. Imprimir este ensaístico experimento (de pensamento): uma impressão. No final, de resto, o que podemos fazer? Mostrar à mosca a saída do vidro. Um ato de fala, mesmo que infeliz, é um gesto. Um ato de fala performativo-imperativo feliz também é um gesto – eu manifesto: “Imagem!”.

¹ MARCONDES, D. Apresentação. In: AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990[1962], p.7.

² Idem.

- ³ MARCONDES, D. Wittgenstein: linguagem e realidade. In: *Caderno de pedagogia e cultura*. Niterói, jul./dez. 1994, p.221.
- ⁴ MARCONDES, 1994, p.224.
- ⁵ MARCONDES, 1994, p.220.
- ⁶ GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução: Helena Martins. Revisão técnica: Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.48.
- ⁷ WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo introdutório: Luiz Henrique Lopes dos Santos. Introdução: Bertrand Russell. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, § 7.
- ⁸ MCGINN, M. *Routledge philosophy guidebook to Wittgenstein and the Philosophical investigations*. London and New York, Routledge, 1998, p.33.
- ⁹ GLOCK, 1998, p.61-3.
- ¹⁰ SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. A harmonia essencial. In: NOVAES, Adauto (Org.) *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.451
- ¹¹ WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores). Doravante: IF.
- ¹² IF § 89.
- ¹³ IF § 435.
- ¹⁴ BARBOSA FILHO, Balthazar. Nota sobre o conceito de jogo-de-linguagem nas “Investigações” de Wittgenstein. *ITA-Humanidades*. Vol. 9, p. 75-104, 1973, p.100.
- ¹⁵ IF § 116.
- ¹⁶ IF § 109.
- ¹⁷ IF § 43.
- ¹⁸ IF § 38.
- ¹⁹ BARBOSA, 1973, p.87.
- ²⁰ IF § 309.
- ²¹ Essa expressão “poder demiúrgico da linguagem” é de Barbara Cassin: CASSIN, B. *O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira; Maria Cristina Franco Ferraz; Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005 [1995].



- ²² Tradução para o português tirada do livro de Barbara Cassin (2005[1995]).
- ²³ O título original da conhecida obra de Austin é *How to do things with words* – ou seja: *Como fazer coisas com palavras*. A edição brasileira seguiu a tradução francesa: *Quando dizer é fazer*.
- ²⁴ AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990[1962], p.31.
- ²⁵ Idem.
- ²⁶ Idem.
- ²⁷ Idem.
- ²⁸ BRECHT, B apud DIDI-HUBERMAN, G. (Org.). *Levantes*. Tradução: Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza P. Bosco; Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017[2016].
- ²⁹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Orelha do livro. In: BINET, Laurent, *Quem matou Roland Barthes?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ³⁰ ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução: Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012 (Coleção Obras Completas de Aristóteles). Referência do trecho citado: 1356a, grifos nossos.
- ³¹ Afirmação do escultor sueco radicado nos Estados Unidos Claes Oldenburg. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2017/10/cate-blanchett-vive-13-personagens-em-manifesto-filme-que-discute-grandes-movimentos-artisticos-cj979jv5w085301ol2p47wqc0.html>>. Acesso em: 30 mai 2018.
- ³² Há um diálogo aqui com HOMERO, *Ulisses*.
- ³³ Faço aqui menção a DIDI-HUBERMAN, 2017[2016], p.291 quando este analisa duas cenas de *O fundo do ar é vermelho*, de Chris Marker.
- ³⁴ TZARA, Tristan. *Sept manifestes Dada*. Hollande: Jean-Jacques Pauvert, 1963. Tradução minha.
- ³⁵ Há um diálogo aqui com PINA BAUSCH.
- ³⁶ Manifesto Fluxus. Disponível em: <<http://georgemaciunas.com/about/cv/manifesto-i/>>. Acesso em: 29 mai 2018.



- ³⁷ Cf. ECO, U. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000; DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Tradução: Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ³⁸ Ver nota 33.
- ³⁹ Há um diálogo aqui com LACAN, J.
- ⁴⁰ Há um diálogo aqui com MAIAKOVSKI, V.
- ⁴¹ MAIAKOVSKI, V. “A aventura insólita que viveu V. Maiakóvski quando de sua estada na datcha”. Tradução: Augusto de Campos, 1920. Uma crítica a essa tradução está disponível em: <<http://sibila.com.br/critica/o-sentido-do-sol-de-maiakovski/5322>>. Acesso em: 29 mai 2018.
- ⁴² DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da História*. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p.19.
- ⁴³ STEIN, Gertrude. *Sacred Emily*, 1913.
- ⁴⁴ Ver nota 33.
- ⁴⁵ BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Tradução: José Pedro Antunes. São Paulo: Ubu Editora, 2017[1974], p.176-177.
- ⁴⁶ FONTANA, Lucio. *The White Manifesto*, 1946. Disponível em: <<http://theoria.art-zoo.com/the-white-manifesto-lucio-fontana/>>. Acesso em: 29 mai 2018.
- ⁴⁷ MANIFESTO. Direção: Julian Rosefeld. Alemanha; Austrália, 2015/2017. Drama/ Experimental/Performance, 95 min, color.
- ⁴⁸ Idem.
- ⁴⁹ TRIER, Lars Von; VINTERBERG, Thomas. *DOGMA 95*. *Cinema*, São Paulo, ano 3, n. 13, jul./ago. 1998, p.16-21.
- ⁵⁰ BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. Tradução: Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001[1924], p.17.
- ⁵¹ Ver nota 41.
- ⁵² Ver nota 33.
- ⁵³ BUTLER, Judith. Levante. In: DIDI-HUBERMAN, G. (Org.). *Levantes*. Tradução: Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza P. Bosco; Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017[2016], p.26.
- ⁵⁴ DIDI-HUBERMAN, 2017[2016], p.185.



-
- ⁵⁵ ROCHA, Glauber. Eztetyka da fome 65. In: _____. *Revolução do Cinema Novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2004[1965], p.63-67.
- ⁵⁶ KOWALSKI, Lech apud BRENEZ, Nicole. Contra-ataques – Sobressaltos de imagens na história da luta de classes. In: DIDI-HUBERMAN, G. (Org.). *Levantes*. Tradução: Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza P. Bosco; Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017[2016], p.82.
- ⁵⁷ AUSTIN, 1990[1962], p.83.
- ⁵⁸ NEGRI, Antonio. O acontecimento “levante”. In: DIDI-HUBERMAN, G. (Org.). *Levantes*. Tradução: Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza P. Bosco; Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017[2016], p.45.
- ⁵⁹ Idem.
- ⁶⁰ MONDZAIN, Marie-José. Para “os que estão no mar...” In: DIDI-HUBERMAN, G. (Org.). *Levantes*. Tradução: Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza P. Bosco; Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017[2016], p.50.
- ⁶¹ WITTGENSTEIN, L. *Da certeza*. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 157, § 559.
- ⁶² Há um diálogo aqui com SHEAKESPERE, W. *Hamlet*.
- ⁶³ LACAN apud BINET, 2016.
- ⁶⁴ BECKETT, S. *Três Diálogos com Duthuit*, 1949.
- ⁶⁵ Ver nota 35.

